



## LIDERANÇA

John Hewko  
Secretário-geral  
15 de janeiro de 2018

Good morning.

Bom dia.

Buenos días.

Namaskar.

Buon giorno.

Guten Morgen.

Ni hăo.

Bonjour.

Dobry den.

Dobryjden'.

Ohayo-gozaimasu.

Ahn-yeong Ha Seyo.

Meu bom dia a todos.

Estou aqui para conversar com vocês sobre liderança e mudanças no Rotary.

Esses temas são muito importantes para vocês, considerando que nos últimos 112 anos a excelente liderança dos governadores que os precederam, em colaboração com o trabalho de milhares de rotarianos, transformaram o mundo para que se tornasse verdadeiramente melhor.

Porém, como qualquer outra grande instituição marcada por uma longa e gloriosa trajetória, acredito que a nossa organização esteja passando por um ponto de inflexão. Ela se encontra em uma encruzilhada.

Vivemos hoje uma época em que a tecnologia e os meios de comunicação estão mudando radicalmente a maneira como os seres humanos interagem e a um ritmo jamais visto.

Vivemos hoje uma época em que as pessoas têm um leque de opções para fazerem contatos profissionais e para prestar serviços em suas comunidades.

Vivemos hoje uma época em que, em muitos países, os jovens profissionais mal têm tempo para se dedicar ao trabalho e a suas famílias, quem dirá tempo para participar de atividades extras como as oferecidas pelo Rotary.

Consequentemente, estamos vivendo uma época em que o Rotary, em nível global, enfrenta desafios sérios, como evidenciado pela estagnação do nosso quadro associativo mundial que, nos últimos 15 anos, tem se mantido na casa do 1,2 milhão de associados.

No entanto, também estamos vivendo uma época em que nossa notável organização tem diante de si a incrível oportunidade de se adaptar e crescer. Para aproveitar essa oportunidade, todavia, precisaremos da sua liderança e da liderança de muitos outros rotarianos.

Se o nosso futuro depende de uma liderança forte que promova mudanças, uma pergunta bem simples faz-se necessária: quais são os atributos de um grande líder?

No século XIX, um pouco antes da fundação do Rotary, liderança era definida com base na 'teoria do grande homem'. Era vista como um qualidade inata – uma qualidade inerente, que não pode ser aprendida. Cabia aos líderes natos definir o rumo da história.

Frequentemente ouvimos definições do que vem a ser um grande líder dentro desse paradigma. Grandes líderes, segundo a teoria, nascem líderes, não são criados. Muitas vezes eles viravam líderes apenas e tão somente por causa do seu título ou posição.

Mas será que esta definição de liderança se aplica à história do Rotary?

Será que ela ainda se aplica no século XXI? Será que se aplica à suas experiências como líderes no Rotary?

Eu vou tentar responder a essas perguntas contando uma história.

Por volta do final do século XIX, um jovem foi expulso da escola.

Já conhecido pelas brincadeiras que fazia, uma série de travessuras o colocou mais uma vez em panos quentes e ele acabou sendo expulso da Universidade de Vermont.

O jovem também chegou a estudar na prestigiosa Universidade de Princeton, onde também não ficou muito tempo. Ele acabou conseguindo se formar em uma outra proeminente universidade, mas, segundo ele, a melhor parte de sua experiência acadêmica foram as amizades que fez com os outros alunos.

Como vocês podem ver, essa curta história não aparenta ser o prefácio de uma vida de grandes conquistas. Entretanto, ela faz parte da biografia do fundador do Rotary, Paul Harris.

Se o Paul tivesse se concentrado exclusivamente em seus estudos, é possível que ele

jamais tivesse tido a ideia de reunir três amigos para a primeira reunião do que veio a se tornar o Rotary.

Ao explicar sua motivação para organizar aquela primeira reunião, Paul disse:

"Eu tinha certeza que deveria haver muitos outros jovens que também tinha vindo se estabelecer em Chicago... Por que então não reuni-los? Ora, se eles estivessem sentindo tanta falta de companhia como eu estava, certamente algo poderia surgir das nossas reuniões."

E algo certamente surgiu. Quando Paul faleceu, em 1947, o Rotary havia se expandido de um grupo de quatro pessoas para um conjunto de 6.000 clubes espalhados por mais de 70 países, com 300.000 associados.

Paul Harris não foi abençoado com aquele tipo de talento que você só testemunha uma única vez na vida. Ele não foi a primeira pessoa a sentir-se só depois de se mudar para uma metrópole, estranha e opressiva. Ele não chegou nem a ser o melhor organizador comunitário de Chicago.

Todavia, Paul conseguiu articular uma visão que virou uma inspiração. Ele conseguiu criar uma nova e extraordinária rede social bem antes do Facebook ou LinkedIn serem concebidos.

Ele também teve a visão de transformar o que havia começado como um clube social em uma organização com um propósito bem maior.

Em suma, no Rotary, a definição de liderança está associada a ações decisivas tomadas com enfoque no futuro.

A história do Rotary demonstra que a liderança não é necessariamente inata. Que não é algo reservado àqueles com dons especiais ou com status de elite e privilégios.

No Rotary, a liderança não está associada com posição social ou poder.

Logo, a teoria do grande homem raramente se aplica ao tipo de liderança que precisamos aqui no Rotary.

O conceito de liderança, hoje, está associado a decisões que gerarão o maior impacto possível no futuro. E essas escolhas, muito esporadicamente, são tomadas por uma única pessoa.

Tomemos como exemplo a maneira como o Rotary abordou o flagelo da pólio no final do século XX.

Os especialistas em saúde não estavam convencidos de que deveriam apoiar campanhas de vacinação em massa contra uma única doença.

Nesse contexto, os rotarianos – e notem bem que estou usando a palavra ‘rotarianos’ no plural, pois o crédito desse empenho não cabe a um único líder visionário – os rotarianos tiveram a iniciativa de defender a erradicação da pólio.

O plano que eles conceberam convenceu os céticos — e o resto da história vocês já conhecem, pois nosso trabalho ao longo dos anos nos conduziu ao limiar da erradicação

de uma doença pela segunda vez na história.

Essa é a essência da liderança no Rotary, a audácia de uma organização sem fins lucrativos que, apesar de não ser uma agência governamental nem uma instituição multilateral como as Nações Unidas, acreditou que poderia enfrentar o imenso desafio de erradicar a pólio.

Na minha opinião, esse sucesso integra um tipo diferente de liderança, pois a capacidade de liderança e gestão não é inata, mas sim adquirida.

E também não tem nada a ver com títulos.

São ações, ações como as que vocês tomaram no dia que decidiram ser governadores. É o saber discernir o momento certo de se liderar para o futuro e o de se gerir para o presente.

Por quê? Porque em 1988 tivemos que desafiar a lógica que dizia que voluntários jamais poderiam liderar uma grande iniciativa de saúde pública.

Nós tivemos que decidir quando liderar, usando nossos pontos fortes, ou seja, nosso trabalho de defesa e a mobilização das comunidades.

Também tivemos que decidir quando gerir e quando delegar aspectos mais técnicos dos esforços de erradicação para especialistas em saúde, como a OMS.

Se não tivéssemos tomado essas decisões audaciosas, se tivéssemos aceitado a autoridade dos especialistas que renunciaram que o que queríamos alcançar era impossível, talvez nunca tivéssemos implementado a Iniciativa Global de Erradicação da Pólio e o rumo da história hoje seria muito diferente.

Eu lhes disse que falaria sobre a importância da liderança e de mudanças, pois estes dois conceitos estão bem interligados.

Então, o que vem a ser liderança no Rotary hoje?

Simplesmente, o foco da liderança é o futuro, e o futuro do Rotary é nossa principal preocupação.

Como já mencionei, o Rotary encontra-se em uma encruzilhada. Para termos êxito na gestão dessa bifurcação na estrada, temos que assumir o desafio que nos foi passado por Paul Harris, quando ele escreveu: "Para cumprir seu destino, o Rotary precisa ser continuamente evolucionário e, às vezes, revolucionário".

Em vista disso, hoje, não podemos cair na armadilha de abordar desafios do século XXI com soluções do século XX. Nossa liderança precisa estar fundamentada em inovações e não na gestão do status quo.

Ontem à noite, o presidente eleito Barry nos pediu que vivenciássemos nossa nova declaração de visão — que nos uníssemos para promover mudanças duradouras em nossas comunidades e no mundo.

Inspirados por essa nova declaração de visão, devemos pensar a longo prazo e desenvolver um novo plano estratégico que redefinirá nosso trabalho no século XXI.

Em suma, nossa pergunta é simples e é a mesma que Paul Harris faria se estivesse aqui: como o Rotary servirá a humanidade, não só hoje, mas também nas próximas décadas?

Para termos êxito, para conseguirmos definir como será o Rotary no futuro, precisaremos da participação sua e dos clubes dos seus distritos.

O presidente eleito Barry, em seu discurso, já nos deu o roteiro que nos guiará no próximo ano rotário e que continuará nos orientando ao longo desse caminho de mudanças transformadoras e de impacto.

Ele pediu a cada um de vocês que, durante seu mandato como governador, deem prioridade a três ações: fortalecer e apoiar os clubes, dar mais enfoque e expansão aos serviços humanitários e aumentar a projeção da imagem pública da organização.

Primeiramente, com o intuito de fortalecer e apoiar os clubes, o Conselho de Legislação de 2016 conferiu aos clubes uma maior flexibilidade para decidir seu modelo de reuniões, assiduidade e quadro associativo.

Adicionalmente, os rotaractianos receberam permissão para serem associados do Rotaract e do Rotary ao mesmo tempo. Espera-se que esta medida aumente o número de rotaractianos que se tornam rotarianos. Vocês conseguem imaginar o que poderíamos fazer se tivéssemos 300.000 associados a mais já comprometidos com os valores e a Missão do Rotary?

Logo, meu desafio para vocês é que sejam audazes e inovadores. Incentivem os clubes a testarem novos modelos operacionais.

Visto que, no final das contas, nós estamos oferecendo um produto para o mercado. Esse produto é a experiência vivida em nossos clubes — a experiência que um associado recebe em troca de seu tempo e recursos financeiros quando entra para um Rotary Club.

Dessa forma, precisamos soltar nossa imaginação nos nossos 35.000 clubes, pois cada um deles é um testador potencial para diferentes modelos de clube e de serviços.

Alguns modelos funcionarão e muitos fracassarão. Mas o importante é que não deixemos de pensar outras formas de fazer as coisas, já que é esse processo criativo que nos possibilitará a descoberta de modelos de clube novos e inovadores que nos guiarão rumo ao futuro.

Para auxiliar nesse processo, todos os meses, a revista *The Rotarian* destacará um Rotary Club que esteja se reinventando através de medidas inovadoras. Meu desafio para vocês é que tenham pelo menos um modelo inovador de clube. E é bem possível que um dos seus clubes seja retratados na revista *The Rotarian* e que se torne uma inspiração para milhares de rotarianos.

Como o presidente eleito Barry disse ontem, serviços verdadeiramente sustentáveis demandam que consideremos tudo como parte de um grande sistema, e que construamos comunidades mais fortes e mais resilientes a mudanças futuras.

Posto que o futuro demanda projetos sustentáveis em uma escala que produza resultados, nós criamos o modelo de Subsídios Globais.

Assim, para dar mais enfoque e expansão aos serviços humanitários, eu os exorto a incentivar os clubes dos seus distritos a usarem Subsídios Globais da Fundação Rotária para financiar projetos maiores, melhores e mais sustentáveis.

Na minha opinião, nosso modelo de Subsídios Globais — que foi lançado em todos os nossos distritos em 2013 — representa uma das iniciativas mais importantes de nossa organização nos últimos 30 anos, atrás somente da erradicação da pólio.

Digo isso por três motivos: o modelo de Subsídios Globais aumenta a sustentabilidade dos nossos projetos, melhora nossa imagem pública quando os projetos são implementados e expande o número de oportunidades de trabalharmos em parceria com outras organizações.

Portanto, incentivem seus clubes a aproveitar as possibilidades geradas por nosso modelo de subsídios.

Finalmente, o presidente eleito Barry pediu que nos empenhássemos em aumentar a projeção da imagem pública da organização em nossas comunidades.

Por conseguinte, familiarizem-se com os materiais publicitários produzidos por nossa nova campanha de publicidade global, Pessoas em Ação, que estão no Brand Center, no site [rotary.org](http://rotary.org).

Incentivem seus clubes a usarem esses recursos para promoverem uma melhor compreensão pública sobre o que fazemos.

Em última análise, liderança não é alço para espectadores. Ela começa com a sua decisão de nos liderar rumo ao nosso futuro.

E se vocês nos liderarem;

se vocês definirem o momento certo para liderar e para gerir;

se vocês incentivarem e inspirarem seus clubes a serem inovadores;

se vocês fizerem tudo isso, o segundo século do Rotary será ainda mais transformador do que o primeiro.

E eu estou particularmente entusiasmado por vê-los à frente, nos liderando, Fazendo a Diferença no próximo ano e Sendo a Inspiração para os nossos associados e para o mundo.

Obrigado